

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos-metodológicos das ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-114-5 DOI 10.22533/at.ed.145201606</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As mudanças pelas quais os Estados-nação, as sociedades, os sujeitos e organizações têm passado em termos econômicos, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, identitários e idiossincráticos projetam luzes sobre os horizontes, desafios, possibilidades e perspectivas para o campo dos estudos da comunicação na contemporaneidade.

Nesse sentido, a obra intitulada “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2” debate o(s) lugar(es) do campo, da ciência e das profissões da comunicação em um mundo hiperconectado e permeado pela cultura de consumo, pelo império do efêmero e pelos imperativos das redes e mídias sociais da Internet que encorpam emergentes modos de interação, diálogo, negócios, entretanto, também, de conflitualidades, discursos de raiva, desrespeito, cancelamento e vigilância.

Entendemos, nesta obra, que a comunicação tem como horizonte: 1. A coabitação de visões e percepções, muitas vezes, conflitantes; 2. A convivência e a coabitação. Estes fatores representam um grande problema, mas podem oferecer uma prodigiosa solução quando tratamos do cenário interativo-informacional do ecossistema comunicativo, posto que porta uma vocação democrática, ampliando os espaços de fala e expressão dos sujeitos.

As linguagens e princípios teórico-metodológicos das ciências da comunicação revelam a intrínseca relação entre comunicação e democracia. Nesse universo, as redes da Internet tornam-se o epicentro da profusão e legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e Estados. Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, o ecossistema digital é um habitat propício para tensionar organizações e poderes instituídos acerca de suas práticas, posicionamentos e políticas.

O poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, no contexto da comunicação virtual possibilitou uma maior participação social, legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significado e a produção de relações de poder.

Com os meios de comunicação de massa tínhamos os sujeitos tecnologicamente alijados da participação ativa no processo comunicativo, relegados à condição de excluídos do processo de construção da mensagem que chegava; hoje, os fluxos de informação, produção e disseminação são pluridimensionais. Destarte, a comunicação inclui ligações preferenciais e a preferência pelas diversidades,

conectando sujeitos a organizações, populações a instituições governamentais, ativistas a movimentos sociais e cidadãos a cidadãos. Esse mundo informativo nos convida a analisar e aplicar as metodologias, epistemologias, teorias e linguagens que emergem da consolidação da comunicação e das novas socialidades propiciadas pela cultura de conexão, convergência e participação no contexto da sociedade contemporânea.

Sob essas premissas, este e-book reúne artigos de pesquisadores de todo o Brasil que vem se dedicando a investigar a comunicação por meio de variadas facetas, levando em conta sua natureza essencialmente dialógica, humana, participativa, caleidoscópica e complexa.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CIBERTEOLOGIA: COMUNICAÇÃO E FÉ NO ECOSISTEMA VIRTUAL	
Rodolpho Raphael de Oliveira Santos Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016061	
CAPÍTULO 2	14
METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	
Paulo Sérgio Araújo Luis Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.1452016062	
CAPÍTULO 3	42
AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)	
Elizabeth Regina Makiko Moriya Uemura Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016063	
CAPÍTULO 4	53
A OPINIÃO PÚBLICA AINDA NÃO EXISTE? PENSANDO AS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DO BIG DATA SEGUNDO AS CRÍTICAS DE BOURDIEU EM <i>A OPINIÃO PÚBLICA NÃO EXISTE</i>	
Pedro Neris Luiz Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.1452016064	
CAPÍTULO 5	65
AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.1452016065	
CAPÍTULO 6	78
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR FRENTE ÀS COMPRAS EM SUPER E MINIMERCADOS NA CIDADE DE PATOS-PB	
Francisca Érika Nobrega da Silva Mariana Tomaz Silva Patrícia Lacerda de Carvalho Tatyanna Nadabia de Souza Lima Paes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016066	
CAPÍTULO 7	92
PUBLICIDADE, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO DOS NOVOS COMPORTAMENTOS DO CONSUMIDOR NA SOCIEDADE EM REDE	
Danilo de Souza Moura José Maurício Conrado Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016067	
CAPÍTULO 8	104
DO VINIL AO STREAMING: FORMATOS DE DIFUSÃO E ARMAZENAMENTO DE MÚSICAS E	

SUAS RELAÇÕES COM A EXPERIÊNCIA DO OUVINTE

[Carlos Phillipe Kelency](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016068

CAPÍTULO 9 114

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. Espaço Simbólico e de Pertencimento Quilombola, Rio Andirá, Fronteira Amazonas/Pará

[João Marinho da Rocha](#)

[Marilene Corrêa da Silva Freitas](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016069

CAPÍTULO 10 124

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

[Roberto Marcello](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160610

CAPÍTULO 11 137

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

[Ana Carolina Huertas Antonio](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160611

CAPÍTULO 12 149

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

[Ana Paula Miranda Costa Bergami](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160612

CAPÍTULO 13 162

A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA:
UM BALANÇO DO IMPACTO MUDIÁTICO DO SEPARATISMO ESPANHOL

[Rodolfo Silva Marques](#)

[Bruno Da Silva Conceição](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160613

CAPÍTULO 14 176

UMA MANCHETE EM REVISTA: destacabilidade e aforização

[Luís Rodolfo Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160614

CAPÍTULO 15 188

EVENTOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E DE CONSUMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA – SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS BANQUETES AS CASAS DE EVENTOS

[Iêda Litwak de Andrade Cezar](#)

[Joseana Maria Saraiva](#)

[José Alberto de Castro](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160615

SOBRE O ORGANIZADOR 206

ÍNDICE REMISSIVO 207

UMA MANCHETE EM REVISTA: DESTACABILIDADE E AFORIZAÇÃO

Data de aceite: 05/06/2020

Data de submissão: 04/05/2020

Luís Rodolfo Cabral

Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês

Bolsista CAPES do Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo - SP

<https://orcid.org/0000-0001-5456-8927>

<http://lattes.cnpq.br/7468747179497550>

RESUMO: O objetivo deste texto é o de analisar a manchete de uma capa de revista semanal de informação testando a hipótese de que ela tenha sido produzida sob o regime enunciativo aforizante. Nossa base teórico-metodológica é a Análise de Discurso de linha francesa, mais especialmente os trabalhos desenvolvidos por Dominique Maingueneau. Tratamos a destacabilidade como objeto de interesse da análise do discurso, e abordamos essa questão na perspectiva da enunciação aforizante. Para a análise, verificamos o estatuto pragmático dos enunciados da manchete, identificando as alterações sofridas por eles, e a quem eles podem ser atribuídos. A análise evidencia que

a manchete é resultado de destacamento de um enunciado predominantemente verbal, que é destextualizado e posteriormente re-textualizado em iconotexto.

PALAVRAS-CHAVE: Destacabilidade. Aforização. Frases sem texto. Capa de revista. Revista semanal de informação.

ABSTRACT: The purpose of this text is to analyze the headlines on the covers of a weekly information magazine, verifying if those utterances were produced under the aphorising regime. This paper is theoretical and methodological based on the French Discourse Analysis, more especially on the works developed by Dominique Maingueneau. We treat detachability as an object of interest in discourse analysis and address this issue from the perspective of aphorising enunciation. For the analysis, we examine the pragmatic status, identifying the changes on verbal utterances on the headline comparing to its original utterance. We also investigate to whom enunciative responsibility can be attributed. The analysis shows that the headline is the result of the highlighting of a predominantly statement, which is de-textualized and later re-textualized as an iconotext.

KEY-WORDS: Detachment. Aforisation.

1 | INTRODUÇÃO

Ninguém duvida que as revistas semanais de informação devam abordar variados temas de interesse geral, dirigindo-se a um público leitor. Da mesma forma, é consensual que essas produções devam obedecer às técnicas de construção do texto jornalístico com o intuito de garantir um efeito de imparcialidade e de objetividade, do contrário a produção pode não ser reconhecida como do campo midiático jornalístico.

As capas das revistas semanais de informação possuem um apelo forte ao público graças ao iconotexto, ou seja, à produção multimodal que conjuga palavra e imagem, sustentada na articulação entre cores e fontes. Por comportar iconotextos, esse gênero torna-se um poderoso meio de produção de sentido posto que, nele, os acontecimentos marcantes dos últimos sete dias podem ser condensados em iconotextos, diferentemente da exigência de texto argumento dos gêneros no interior da edição.

No Brasil, segundo o Índice Verificador de Circulação, são quatro as revistas incluídas nessa categoria: *Carta Capital*, *Época*, *Isto É*, e *Veja*. Essas diferentes produções são assim agrupadas porque têm as seguintes propriedades: utilizam as capas como pequenos *outdoors*; possuem a mesma periodicidade de sete dias e a durabilidade vai além desse tempo intervalar; privilegiam o efeito de concisão com o constante uso de frases nominais; permitem ao leitor certo prazer sensorial com a percepção de cores e imagens; e organizam os aspectos gráficos de forma bastante semelhante (BENNETI; STORCH; FINATTO, 2011).

Resguardadas as semelhanças, essas quatro revistas semanais de informação conseguem ser facilmente diferenciadas nas bancas já que mesmo o mais desatento leitor não teria dificuldade em perceber que nas capas, cada qual à sua maneira, elas constroem uma encenação dos acontecimentos semanais, criando, validando e/ou defendendo um posicionamento. Por essa premissa, a capa de revista é o primeiro espaço de contato do leitor e é também o primeiro espaço de manifestação da linha editorial, pois é nela que se marca o lugar a partir do qual a revista fala e para o qual se dirige.

As revistas semanais de informação costumam colocar em circulação diversos gêneros: editorial, reportagem, artigo de opinião, entre outros. A capa é um desses gêneros. Todavia, chama a atenção que as capas possuam certa edacidade por independência: diferentemente dos gêneros do interior da revista, ela é propensa

à autonomia, pois circula de forma praticamente independente do todo da revista, como se pode ver frequentemente nos muros das metrópoles, nos *outdoors* das avenidas movimentadas, ou nas postagens das redes sociais.

Dito isso, propomos discutir a relação entre esse gênero e a destacabilidade, examinando o funcionamento discursivo da manchete de uma capa de revista semanal de informação. Sem a pretensão de oferecer um modelo analítico para a questão, o nosso propósito é o de trazer para o centro da discussão o papel dos enunciados destacados em um gênero do discurso. Para tanto, este texto está dividido em duas partes, além desta introdução. A primeira oferece um panorama sobre destacabilidade como objeto da Análise do Discurso de linha francesa, direcionando para a diferenciação entre os regimes textualizante e aforizante. A segunda apresenta a análise da manchete de uma revista semanal de informação mobilizando os conceitos teóricos da primeira parte.

2 | A DESTACABILIDADE E O REGIME ENUNCIATIVO AFORIZANTE

A destacabilidade é objeto da Análise do Discurso de linha francesa (AD), que aborda esse fenômeno na perspectiva da enunciação aforizante. O livro “Frasas sem texto”, de Dominique Maingueneau, reporta a trajetória de, pelo menos, dez anos de estudo cujos resultados culminam na elaboração de uma teoria sobre a hipótese de um regime enunciativo a partir do qual os enunciados são produzidos mediante algum nível de destacamento.

Em linhas gerais, entende-se por destacabilidade o processo de extração de um enunciado de um texto-fonte, que é inserido em novo contexto (MAINGUENEAU, 2014). Salva melhor análise, o campo midiático é espaço privilegiado para operar esse tipo de destacamento já que, do ponto de vista da prática profissional, a construção e a circulação de enunciados vinculados pelos dispositivos midiáticos seguem a tendência de antecipação da reapropriação de discursos de forma que eles sejam “retomados em outras circunstâncias, por outros tipos de locutor, em outros termos, encarnados em outros gêneros e outros registros” (KRIEG-PLANQUE, 2018, p. 44).

Do ponto de vista enunciativo, essa propensão à saída de um enunciado do texto-fonte se dá por uma modulação enunciativa denominada “sobreesseveração” (MAINGUENEAU, 2010). Por definição, essa marcação refere-se a “uma modulação que formata um fragmento como candidato à destextualização [...] trata-se somente de uma operação de destaque do texto que é operada em relação ao restante dos enunciados” (MAINGUENEAU, 2010, p. 11). São de diversas ordens os índices que formatam um determinado fragmento de texto em relação aos demais, indicando a propensão ao destacamento; elencamos os seguintes: valor generalizante, amplificação da figura do enunciador, construção sintática pregnante (aliteração,

simetria sintática, etc.) e introdução pelo metadiscurso (*ou seja, sendo assim, em outras palavras, etc.*).

Marcada no texto, a sobreasseveração corresponde à uma indicação quanto à propensão ao destaque, não preordenando que ele necessariamente aconteça. Caso a destextualização aconteça, pode-se falar em dois tipos de destaque, a depender da relação que se estabelece com o texto-fonte. Considera-se *destacamento fraco* quando os enunciados de origem podem ser recuperados pelo leitor; e *destacamento forte* quando o enunciado destacado está dissociado do texto-fonte, circulando com certa independência. “Essa distinção entre destacamentos ‘forte’ e ‘fraco’ não é, entretanto, absoluta. Na imprensa escrita, acontece frequentemente que na primeira página ou na capa encontrem numa página inteira” (MAINGUENEAU, 2014, p. 18).

Em que pese a importância da intensidade do destaque, faz saltar aos olhos a diferença de formatação de determinados enunciados destacados quando comparados àqueles que os originaram. No texto-fonte, o enunciado está articulado a outros pelos mecanismos de coesão, e eles são regidos pelo gênero do discurso ao qual estão vinculados. No caso dos enunciados destacados, apesar de inscritos no gênero, eles não seguem esses caminhos argumentativos de concatenação das ideias porque almejam circular fora dessa coerção.

Os enunciados destacados revestem-se da pretensão de parecer autônomos, mesmo que não existam fora de um gênero. Mesmo assim, nem todo enunciado destacado interessa para a AD, apenas aqueles em que adquirem um estatuto pragmático específico. Distinguem-se, então, dois regimes enunciativos: o regime textualizante, que inscreve o enunciado no horizonte dos gêneros do discurso; e o regime aforizante, que aspira romper com essa delimitação (MAINGUENEAU, 2010).

Pelo regime aforizante são produzidas as aforizações, categorizadas em dois grandes grupos: as aforizações primárias e as aforizações secundárias (MAINGUENEAU, 2014). O primeiro grupo corresponde àqueles enunciados destacados por natureza, como é o caso dos provérbios e das fórmulas sentenciosas, que originalmente foram produzidos para circularem sem contexto situacional, tornando-se alvo de múltiplos investimentos. O segundo grupo integra os fragmentos extraídos de um texto, ou seja, os enunciados que foram retirados de um texto-fonte e postos a circular em outro lugar.

Em geral, há aforizações, sejam primárias ou secundárias, que mantêm proximidade com o enunciado de origem, funcionando segundo a lógica do discurso relatado (MAINGUENEAU, 2014). Fala-se, então, que o enunciado é aforizado a partir de um texto e colocado para circular em outra cena, mas mantém a mesma voz singular que simula que aquelas palavras tenham sido proferidas à maneira

como exibidas. Nesse sentido, o uso de aspas funciona como marca da existência efetiva da fala de outrem, sinaliza a ação de um terceiro, e também indica uma “enunciação segunda” (MAINGUENEAU, 2013). Essa retomada de uma fala já dita é ainda mais perceptível nos casos em que as alterações do enunciado promovidas pelo terceiro (um jornalista, um publicitário, por exemplo) são feitas para apagar marcas de coesão ou corrigir repetições tornando o enunciado deslocado de qualquer situação de comunicação.

Em razão do apagamento dessas marcas de inscrição em um ambiente textual, a aforização se apresenta como tendo sido proferida em outra cena, diferente do contexto original de produção. Levadas ao extremo, as marcas dessas alterações são tão significativas que não é incomum que determinados enunciados aforizados, embora entre aspas, não correspondem ao que foi originalmente proferido por aqueles a quem se os atribui.

Para ilustrar essa passagem de um regime para o outro, Maingueneau (2014) exemplifica com matérias de jornais em que personagens são convocados para emitir opinião sobre determinado assunto. Nelas, o mesmo sujeito empírico aparece duas vezes: uma no texto argumentativo, funcionando como locutor, ou seja, suporte referencial e modal do enunciado; e outra, articulada a um conjunto multissemiótico formado por frase compacta e o rosto, que apresenta um sujeito responsável por um posicionamento em meio a conflito de valores. “Na aforização, a alteração dos enunciados-fonte é a manifestação superficial de uma ‘alteração’ constitutiva, a do *torna-se outro* do locutor, transformado em aforizador” (MAINGUENEAU, 2014, p. 41, grifado no original). Nessas produções, o mesmo sujeito empírico ocupa duas posições enunciativas, a depender do regime.

Assumir isso não significa, no entanto, que toda aforização deva estar necessariamente relacionada a um sujeito empírico, “de carne e osso”. Na verdade, ela pode tanto ser atribuída a um único sujeito quanto a um conjunto de locutores, cuja aforização funcionaria como expressão de valores prototípicos deles. Independentemente de ser individual ou coletiva, “uma aforização não é necessariamente atribuída a um indivíduo: o que importa é que seja uma entidade passível de experiências humanas, fonte de uma convicção” (MAINGUENEAU, 2014, p. 37).

Essa responsabilidade do dizer é reforçada quando a aforização aparece articulada à imagem do aforizador uma vez que a fotografia coloca a aforização e o sujeito dessa enunciação em um posição particular, especialmente por efeito das propriedades relacionadas ao uso do rosto (MAINGUENEAU, 2014): a) é a única parte do corpo que distingue um indivíduo do outro; b) simbolicamente, é a sede do pensamento; e c) é no rosto que se encontra a boca, a fonte da fala.

Ao articular aforização com a foto do rosto, autentica-se a fala como própria

de um sujeito, cujos valores são expressos. Além disso, a foto do rosto é também produto de um destacamento, construído a partir da eliminação de elementos contextuais que mostrariam a foto da pessoa em corpo inteiro. Em outros termos, os destacamentos do enunciado verbal e do rosto se reforçam de sorte que os destacamentos da aforização e o do rosto apoiam-se mutuamente: “o sujeito é este Sujeito que permanece estável através da variação, o Mesmo. O que acompanha certa temporalidade: a aforização, na medida em que exprime esse Sujeito, diz o que é, não no instante, mas na duração atemporal desse valor” (MAINGUENEAU, 2010, p. 17).

Dando continuidade à diferenciação dos dois regimes enunciativos, fica estabelecido que a textualização e a aforização são processos que envolvem naturezas enunciativas distintas e, por isso, implicam papéis distintos entre os sujeitos. Na enunciação textualizante, os sujeitos partilham e negociam um dizer inscritos no papéis pré-estabelecidos pelo gênero no qual o enunciado se inscreve, consoante o que ensina o princípio dialógico do Bakhtin e do Círculo: “Todo gênero do discurso define duas posições correlativas, de produção e de recepção, em interação e especificadas pelas restrições da cena genérica” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13).

Na enunciação aforizante, no entanto, não há interação entre os sujeitos colocados no mesmo plano porque a “aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13). É que, nas produções desse regime, não há um alocutário específico porque o sujeito da enunciação aforizante se dirige a um auditório indeterminado. Essa relação encontra fundamentos na retórica clássica, em que o orador cria uma cena de fala sem verdadeira interlocução e, ao mesmo tempo, encena a um público (MAINGUENEAU, 2014).

Pelas propriedades específicas de cada um desses dois regimes, diferenciam-se também as posições enunciativas ocupadas pelos participantes da interação. Na enunciação textualizante, há aquele que fala (o locutor) e aquele para quem se fala (o alocutário), e essas posições são, grosso modo, determinadas pelo gênero do discurso em que se inscreve a produção. O sujeito do regime textualizante implica uma forma de subjetividade relacionada aos diferentes suportes e aos diversos modos de circulação, exigindo uma resposta de um alocutário.

Na enunciação aforizante, os participantes da enunciação são chamados aforizador e auditório: o aforizador “é considerado como aquele que enuncia sua verdade, que prescindir da negociação, que exprime uma totalidade vivida” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14). O auditório situa-se em uma posição de desnível porque não pode interagir diretamente com o aforizador.

A passagem de um regime para o outro acontece pela ação de um terceiro que destaca um enunciado e o coloca para circular em outro contexto. Ao incidir no enunciado-fonte, um terceiro transpõe o enunciado do regime textualizante para o aforizante, e promove o locutor ao estatuto enunciativo de aforizador. Esse é o ponto crucial de diferença entre os dois regimes, estabelecendo os limites entre eles: **“Toda aforização é uma enunciação segunda, do já-dito”** (MAINGUENEAU, 2014, p. 33, grifo nosso).

Feitas essas explanações teóricas, vamos examinar se a manchete de uma capa de revista pode ser analisada na perspectiva da enunciação aforizante.

3 | O DESTACAMENTO E UMA MANCHETE

De um acervo composto por 54 capas das revistas semanais de informação publicadas durante o segundo mandato da presidente Dilma Rousseff, sorteamos a edição de número 2407, da revista *Veja*, publicada no dia 7 de janeiro de 2015 (doravante rotulada VJ2407), e reproduzida na figura abaixo.



Figura 1 - Capa da revista Veja, edição 2407

Fonte: Veja (2015)

Para os fins deste texto, as menções terminológicas (BAHIA, 2015) serão as

seguintes: *manchete* corresponde ao título de capa de uma revista; *chamada*, à síntese dos assuntos em destaque em uma dada edição. Cada um desses elementos pode conter enunciado que o antecede (antetítulo) ou que o sucede (subtítulo).

Em breve descrição da disposição dos elementos dessa capa, começamos pela forma: é um iconotexto composto por enunciados verbais e não verbais organizados em duas zonas, marcadas pelo contraste de cor de fundo. A primeira zona, em menor tamanho, possui fundo vermelho e ocupa toda a parte superior da capa. Nela, à esquerda, lê-se em amarelo: “Análise”; e à esquerda, em branco: “Entenda como estes 5 fatores essenciais devem afetar a economia e o seu bolso em 2015: Gastos públicos / Investimentos / Consumo / Exportações / Economia mundial”. A segunda zona, em fundo escuro, ocupa quase a totalidade da capa. Nela, há a logo da revista, com fundo vazado, a indicação do número da edição e da data de publicação, além da tarja de exemplar de assinante.

Também nessa segunda zona encontra-se a manchete, construída pela articulação entre imagem e palavras. Em relação à imagem, ela se organiza em dois planos: no segundo plano, vemos o rosto de Dilma Rousseff, que usa batom, maquiagem e brinco, e direciona o olhar para o homem de costas no primeiro plano. Pela imagem, o leitor não consegue identificar quem ele é, mas não tem dúvidas de que ele traja roupa escura cuja cor contrasta com aquelas do adereço indumentário presidencial bicolor, verde (nas bordas) e amarelo (no centro).

Em relação aos enunciados verbais da segunda zona dessa capa, há, no canto central esquerdo da capa, a legenda em cor branca, em que se lê “Dilma Rousseff com Joaquim Levy, seu ministro da Fazenda, na cerimonia de posse, em Brasília”. Em branco e caixa alta negrito, posicionado nas costas do homem, lê-se o enunciado verbal da manchete: “O poder e o saber:”, seguido de outro enunciado, em amarelo negrito “com eles juntos temos uma chance de atravessar o tempestuoso 2015. Se duelarem, o Brasil perde”. Com a articulação entre palavra e imagem, o leitor tem condições de identificar os personagens na fotografia e de situar o evento na relação espaço-temporal.

Tendo em vista os objetivos deste texto, testaremos a hipótese apenas quanto aos enunciados que formam o iconotexto da segunda zona da capa. Com a leitura do interior da revista, identificamos que a manchete remete a duas reportagens, conforme o disposto no quadro a seguir:

	Gênero do interior	Título/ Subtítulo	Locutor(es)
1	Editorial	Agora, ao trabalho...	A própria revista
2	Reportagem	Mandato novo, problemas velhos	Adriano Ceolin
3	Reportagem	Morro acima	Ana Luiza Daltro e Bianca Alvarenga

Quadro 1 – Matérias relacionadas à manchete de VJ 2407

Fonte: elaborado pelo autor

Em linhas gerais, algumas palavras sobre os três textos. O primeiro deles é o editorial “Agora, ao trabalho...” da seção *Carta ao leitor*, que aponta para as reportagens da seção *Brasil*, e antecipa as expectativas da revista quanto à política econômica do segundo mandato de Dilma Rousseff, tendo por parâmetro a nomeação de Joaquim Levy. O segundo texto, intitulado “Mandato novo, problemas velhos”, é uma reportagem assinada por Adriano Ceolin que aborda, dentre outros temas, a composição ministerial do segundo governo de Dilma Rousseff, organizado pelo texto em núcleos: os “dilmistas” (no qual se incluem, por exemplo, o Aloízio Mercadante e Carlos Gabas, nomeados para a Casa Civil e para o Ministério da Previdência, respectivamente), os “lulistas” (como Jacques Wagner, para o Ministério da Defesa), os “complicados” (tais como Eliseu Padilha para Aviação Civil), e os “fiadores”, grupo do qual participa Joaquim Levy, a quem foi confiada a condução do Ministério da Fazenda. E, finalmente, o terceiro texto é outra reportagem, cujo título é “Morro acima”, em que são expostos os desafios do novo ministro: o ajuste das contas públicas, o estímulo a investimentos, o controle inflacionário, para nos limitarmos a alguns.

Como se sabe, a manchete é um tipo específico de chamada que indica a matéria principal de uma edição (BAHIA, 2015). Logo, espera-se que a ela corresponda um texto específico do interior da revista. Entretanto, não é isso que se observa na manchete de VJ2407: ela faz remissão a três reportagens, incluídas na seção *Brasil*. Esse encadeamento dos enunciados de dentro da revista, posteriormente levados à manchete, se realiza pela força da irradiação dos gêneros, ou seja, graças ao “poder que um gênero de fazer com se fale dele em outros gêneros” (MAINGUENEAU, 2015, p. 73). No caso em discussão, trata-se de uma “sequencialidade entrelaçada” já que advém de dois gêneros diferentes os enunciados que permitem o surgimento da manchete.

Com a leitura desses três textos, notamos que a manchete está mais alinhada aos enunciados da reportagem assinada por Adriano Ceolin, intitulada “Mandato novo, problemas velhos”, da qual extraímos o seguinte trecho:

Na economia, o primeiro passo foi dado no bom caminho, com a nomeação de Joaquim Levy, que a presidente buscou no Bradesco, um profundo conhecedor da máquina pública, certeza de racionalidade e sensatez. Do casamento do poder de Dilma com o saber de Levy, a economia brasileira pode atravessar com galhardia o tormentoso 2015. Se a dupla se desentender, o Brasil perderá (CEOLIN, 2015, p. 38).

Esse excerto está posicionado no parágrafo final de uma página cuja continuação é uma sequência de imagens, o que lhe reforça a visibilidade. A estrutura prenhe marcada pela oposição semântica entre “poder” e “saber”, seguida por sequência introduzida pelo operador de condição “se”, realça uma harmonia rítmica, que permite atribuir ao enunciado características de sobreasseverado (MAINGUENEAU, 2014).

Porquanto se possa admitir que essa sequência foi destacada, também se pode observar que, na passagem para a manchete, ela sofreu alterações em pelo menos três aspectos: *i*) os nomes próprios Dilma Rousseff e Joaquim Levy, explicitados no enunciado-fonte, foram substituídos por um único pronome pessoal (eles); *ii*) a posição temática no enunciado verbal no subtítulo da manchete é ocupada pelo sintagma nominal zero, enquanto no enunciado-fonte é preenchida por “a economia brasileira”; e, *iii*) o adjetivo “tormentoso” tornou-se “tempestuoso”.

No que tange ao primeiro aspecto, a articulação entre o verbal e o visual na capa formam um processo de “correferência” (MAINGUENEAU, 2013) em que o mesmo referente é apresentado de diferentes modos: o pronome ancora-se nos elementos imagéticos, e o encaixamento dos nomes próprios da legenda designa diretamente a quem eles se referem.

No que tange ao segundo aspecto, o sujeito marca-se linguisticamente no enunciado-fonte por um sintagma nominal (“a economia brasileira”) e, na capa, esse espaço não é preenchido, sendo identificado pelas unidades mínimas do verbo (“temos”), que indicam conjugação em primeira pessoa do plural. Nessa passagem, transita-se de um sujeito com referente especificado no mundo para um sujeito coletivo sequer expressamente marcado.

No que tange ao terceiro aspecto, a escolha de outro item lexical não gerou *prima facie* efeito de sentido destoante daquele produzido no enunciado-fonte, sem isso infringir a validade do princípio da não-sinonímia entre as palavras.

Por esses aspectos, avaliamos que os enunciados da manchete tenham sido produzidos sob o regime aforizante, em resultado do destacamento da sequência identificada na reportagem “Mandato novo, problemas velhos”. Essa demarcação não implica necessariamente desconsiderar a força irradiatória dos outros textos aos quais a manchete também se refere. Ao contrário, impõe que essa sequencialidade seja observada sob o mesmo prisma da enunciação aforizante.

Cada um dos textos-fonte irradiados para a manchete possui um locutor específico (no texto 1, o locutor é a própria revista; no texto 2, é Adriano Coelin; e, no

texto 3, são Ana Luiza Daltro e Bianca Alvarenga). Na capa, todavia, não há menção a eles, o que nos leva a compreender que a responsabilidade enunciativa nesse gênero tende a se afrouxar em favor de um “locutor coletivo” (MAINGUENEAU, 2015), que promove apagamentos enunciativos para a produção do efeito de unidade.

Assim sendo, se comparada aos outros gêneros, a capa apresenta modo de funcionamento peculiar: enquanto neles, a responsabilidade é atribuída a locutores individuados, na capa essa responsabilidade procede da negociação mediada por uma instância enunciativa que organiza diferentes pontos de vista para marcar uma posição homogênea. Nos gêneros do interior, as matérias são assinadas; na capa, os enunciados são atribuídos à etiqueta que aparece na parte superior dela – no caso em análise, *Veja*.

Ocorre que, nos três textos-fonte, os enunciados aparentemente não percorreram diferentes gêneros, tendo sido produzidos originalmente nos limites de cada um dos gêneros que os abriga. Contrariamente ao que acontece com esses enunciados do interior da revista, os enunciados na capa são irremediavelmente advindos de destacamento operado pelo próprio locutor coletivo, desempenhando o papel do terceiro na conversão do regime textualizante para o aforizante. Em consequência desse “embaralhamento” de diferentes posições enunciativas assumidas pela mesma entidade, o locutor coletivo se enfraquece, possivelmente em virtude do destacamento por ele mesmo operado, e, ao assumir o papel de um terceiro, agencia na capa de revista o efeito de unidade do posicionamento manifesto nos mais diferentes textos.

Dessa maneira, o rótulo ao qual se atribui a responsabilidade enunciativa na capa indica uma instância enunciativa que desempenha concomitantemente dois papéis enunciativos, correspondentes aos regimes textualizante e aforizante, respectivamente, sem que isso implique mútua exclusão. Reforça-se, com efeito, o paradoxo constitutivo das aforizações de que elas se manifestam no lugar o qual, por natureza, contestam.

Juntando-se à formatação do enunciado, esse é outro indício de que, nessa manchete, os enunciados verbais tenham sido produzidos sob o regime aforizante: pela ação de uma instância enunciativa, enunciados difusos são organizados e apresentados como uma sequência linguística única, aparentemente autônoma, e, no caso, uma frase nominal (“O saber e o poder”), que não corresponde exatamente à contrapartida que a originou. Trata-se, portanto, de uma aforização secundária, elaborada a partir de um destacamento fraco (MAINGUENEAU, 2014), já que o leitor facilmente recupera o enunciado fonte.

Se, de um lado, a dúvida começa a se dissipar na direção de que o enunciado verbal da manchete possa ser abordado na perspectiva do regime enunciativo aforizante; de outro, a materialidade imagética demanda cautela para ser trabalhada

nesse mesmo caminho. Nas duas reportagem da seção Brasil, que se estendem por 19 páginas, são apresentadas diversas imagens, tais como: a da cerimonia de posse do segundo mandato de Dilma Rousseff; as fotos oficiais dos governos de Fernando Collor de Mello (1990), de Fernando Henrique Cardoso (1995), de Luiz Inácio Lula da Silva (2003), e do primeiro mandato de Dilma (2011). Todavia, a imagem da manchete de VJ 2407 não é destaque de nenhuma delas, pois retrata o encontro de Dilma Rousseff com Joaquim Levy na cerimonia de posse, não incluída na sequência de imagens das reportagens.

Sabendo que o iconotexto é uma produção em que o verbal e o imagético são indissociáveis, e que, no caso da manchete analisada, o enunciado verbal foi produzido pelo regime aforizante, sendo inclusive submetido a critérios classificatórios, lançamos a pergunta: a materialidade imagética da manchete pode também ser uma aforização?

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. **Dicionário de jornalismo**. MAUAD, 2015.

BENETTI, M.; STORCH, L.; FINATTO, P. Jornalismo de revista, meta-acontecimento e dispositivo de autoridade. In: LEAL, B. S.; ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2011 (p. 55-78).

CEOLIN, A. Mandato novo, problemas velhos. **Veja**. São Paulo, ano 48, edição 2407, 07 de jan., Seção Brasil, 2015 (p. 36-43).

MAINGUENEAU, D. Enunciados sem texto? Tradução de Ana Raquel Motta. In: POSSENTI, S; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs.). **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2010 (p. 9-24).

MAINGUENEAU, M. **Análise de texto de comunicação**. Tradução de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6ª. edição ampliada. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

KRIEG-PLANQUE, A. **Analisar discursos institucionais**. Tradução de Luciana Salazar e Helena Boschi. Uberlândia, MG: EDUFU, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aforização 176, 180, 181, 182, 186, 187

Análise de Conteúdo 124, 157

Andirá 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123

Antropologia 40, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 121, 123, 204, 205

Aprendizagem 32, 35, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 153

Apresentadora 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146

B

Big data 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

C

Capa de revista 176, 177, 178, 182, 186

Catalunha 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Ciberteologia 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Comportamento do Consumidor 78, 79, 80, 91, 97

Consumo 65, 66, 68, 72, 75, 82, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 183, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 204, 206

Convergência 71, 72, 92, 95, 97, 99, 101, 102, 152, 153, 160, 166, 173

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 22, 31, 35, 37, 45, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 111, 113, 114, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 160, 161, 166, 169, 175, 190, 196, 204, 205

D

Destacabilidade 176, 178

Duolingo 42, 43, 45, 47, 51

E

Ecologia da Comunicação 124, 126, 136

Engenharia de Sistema 14

Ensino 19, 32, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 97, 120, 145, 157

Epistemologia 65, 171

Estudos Culturais 65, 66, 69, 72, 73, 75

F

Fé 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 118, 119, 121, 133, 134

Frases sem texto 176, 178, 187

I

Interconectividade 14, 21, 33, 38, 39

Intersubjetividade 14, 21, 26

Intolerância Religiosa 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136

L

Língua estrangeira 42, 43, 46, 52

M

Marketing 78, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 205

Memória 35, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 119, 122, 123, 153

Metodologia 14, 20, 21, 23, 65, 78, 84, 90, 119, 121, 123, 126, 145, 157

Mídia 1, 16, 33, 35, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 124, 136, 140, 141, 147, 148, 150, 152, 153, 159, 160, 162, 206

Mídias 5, 11, 13, 35, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 92, 95, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 153, 154, 167, 206

Midiativismo 149, 158

Minimercados 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90

Mulher negra 72, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Música 50, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 192, 205

O

Objetivação 14, 17, 21, 22, 24, 25, 36

Opinião Pública 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 133, 164

P

Pesquisas 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 88, 145

Plataforma digital 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37

Q

Questionários 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 84

Quilombos 114, 115, 122, 123

R

Redes sociais 4, 5, 7, 11, 95, 96, 138, 149, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 178, 206

Requisitos 14, 23, 32, 36, 40, 41

Revista semanal 176, 178

S

Semiótica 71, 104, 105, 107, 112, 113

Separatismo 162, 163, 164, 168, 170, 172, 174

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 24, 26, 27, 28, 34, 39, 41, 42, 44, 55, 59, 67, 72, 82, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 114, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163, 165, 190, 195, 200, 201, 203, 204, 205

Subjetivação 14, 17, 21, 23

Supermercados 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89

T

Televisão 93, 101, 131, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 153, 201

Territorialidade informacional 149, 154, 157, 158, 160

Tradição 8, 12, 68, 114, 118, 119, 121, 123, 134

 **Atena**
Editora

2 0 2 0